

CULTURA CORPORAL NA PAUTA DO JORNAL: notas de uma análise a partir do “programa AN Escola”¹

DANIEL MINUZZI DE SOUZA

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Considerando as diversas formas de interação e comunicação social da contemporaneidade, é possível destacarmos o papel protagonista que as tecnologias de informação e comunicação (TIC) vem desenvolvendo, especialmente quando observamos a facilidade e velocidade proporcionada por transmissões via satélites e internet, para comunicar ou simplesmente informar. TIC's como Iphones, mini notebooks, nanotecnologia, vídeo games interativos, redes de relacionamentos como twitter e Facebook, são ferramentas de amplo uso em todo o mundo. Outra TIC é ainda mais recente, a projeção de imagens em 3D, que após ser febre nas salas de cinema, começa a chegar às nossas casas nas transmissões televisivas e até mesmo nos vídeo games. Avanços tecnológicos que caracterizam o sucesso do modo de produção capitalista, tanto no que diz respeito às questões econômicas, quanto às questões culturais. Além de ser um negócio lucrativo, por investir muito no entretenimento, influencia na forma como as pessoas se relacionam.

Nesse mundo, em que estamos eternamente desatualizados, e também “*semiformados*”², as quase interações sociais, ou relações monológicas, aquelas “[...]”

1 O presente texto é decorrente de dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física/UFSC (SOUZA, 2010), orientada pelo professor Giovani De Lorenzi Pires. Uma versão do texto foi publicada anteriormente na revista *Motrivivência*, a quem agradecemos a autorização para sua reprodução nessa coletânea.

2 A *semiformação* ou *semicultura* em Adorno (1996) representa o rebaixamento cultural da sociedade como uma das conseqüências da Indústria Cultural.



relações sociais que são estabelecidas pelos meios de comunicação de massa (livros, jornais, rádio, televisão, etc.)” passam a ser a regra. (THOMPSON, 2002, p. 79).

Inserido nessas relações monológicas entendemos estar o discurso midiático (esportivo). Perante esse cenário, nós educadores, devemos nos posicionar de três maneiras distintas, pessimista, otimista ou de mediador. Assumindo uma posição pessimista ou *apocalíptica* (ECO, 1993) diríamos que está acontecendo um esfriamento das relações sociais, o contato e a experiência corporal do toque e da fala no mesmo ambiente/espaço físico estariam com os dias contados. Assumindo uma posição oposta, sendo um otimista ou *integrado*, diríamos que as pessoas nunca estiveram tão próximas, pois jamais foi tão fácil se comunicar e comunicar algo. Nessa situação, preferimos não tomar partido, mas sim assumir uma postura de mediador, principalmente quando compreendemos o poder simbólico do esporte, e a maneira como a mídia comunica este bem cultural, o espetáculo.

A exaltação do espírito agonístico, comparação objetiva, exclusão, reconhecimento dos vencedores e, como consequências, o esquecimento dos perdedores, não se resumem apenas às características do esporte espetáculo, são também características da sociedade de consumo.

Cabe elucidar que as práticas corporais, em especial o esporte, são tratadas como espetáculo, portanto midiaticizadas, necessitam então ser pensadas criticamente. É preciso estudar o discurso midiático esportivo para compreendê-lo, explicá-lo e trabalhá-lo pedagogicamente na escola, oferecendo possibilidades de esclarecimento e de transformação dessa prática social.

Tendo em vista as questões levantadas entendemos ser necessário pautar o discurso midiático esportivo em nossas aulas, debatendo, refletindo, produzindo e criticando essa manifestação. Para a realização de estudos neste escopo, uma possibilidade de referência teórica é o conceito de Mídia-Educação (BELLONI, 2001, FANTIN, 2006), que aproximando do campo da Educação Física vem sendo nomeado de Mídia-Educação (Física) (BIANCHI, 2009; SOUZA, CAETANO; PIRES, 2009).

Sem desenvolver aqui o conceito, convém destacar que a implementação da Mídia-Educação pode compreender três dimensões, a saber: *Instrumental*, em que os meios servem como uma ferramenta no processo de ensino aprendizagem (educação com os meios); *Crítica*, em que deve ser desenvolvida a

reflexão e apropriação crítica do discurso e estratégias midiáticas (educação sobre os meios); *Produtiva* (educar através dos meios), dimensão que possibilita o desenvolvimento das duas anteriores, em que os educandos ao produzirem, veicularem e se apropriarem desses processos, auxiliados pelas mediações culturais (entre elas a da escola e do professor), além de se tornarem receptores-sujeitos, assumem a condição de autores e emissores no processo comunicacional.

Entre as possibilidades de trabalhar com Mídia-Educação (Física), consideramos relevante o uso de jornal em sala de aula. Nessa esteira, buscamos analisar o encarte de um periódico que apresenta entre seus objetivos estimular o uso de jornal em sala de aula, a partir de parcerias com secretarias estaduais e municipais de educação do Estado de Santa Catarina. Trata-se do programa “AN Escola” do Jornal *A Notícia*, de Joinville/SC, em que analisamos a presença e veiculação dos conteúdos da Educação Física entre os anos de 2004 e 2008.

O “AN Escola” iniciou em 1998, sofrendo muitas transformações ao longo dos anos. As principais alterações do projeto editorial do suplemento ocorrem em 2008, quando *A Notícia* passa a fazer parte do Grupo RBS. O programa é visto como um modelo a ser seguido, inspirando o próprio Grupo RBS a ampliar essa ideia para o *Diário Catarinense* (programa DC na Escola). Assim, resta entender quais as verdadeiras pretensões dos grupos editoriais que investem nestas posturas.

Ao considerarmos o uso de jornal em sala de aula como estratégia necessária para que os educandos conheçam e teçam críticas ao discurso midiático esportivo (formação do receptor-sujeito) e como uma possibilidade de qualificação das aulas educação física, nos propusemos a verificar se o suplemento AN Escola pode ser entendido como sustentado nos preceitos da mídia-educação ou apenas como um simulacro de ação social. Partindo dessa reflexão inicial, o problema de pesquisa pergunta como o programa tematiza os conhecimentos da cultura corporal³?

3 Entendemos “cultura corporal” como um recorte da cultura cujos conhecimentos são tratados pedagógica e intencionalmente pela educação física. Para um Coletivo de Autores (1992, p. 38), na perspectiva da cultura corporal busca-se [...] “uma reflexão pedagógica sobre o acervo de formas de representação do mundo que o homem tem produzido no decorrer da história” entre elas os jogos, as danças, lutas, exercícios ginásticos, esporte, malabarismo, contorcionismo, mímicas, etc.



Nosso objetivo foi *analisar se ao longo do período de 2004 a 2008 o Programa AN Escola abordou temas da educação física/cultura corporal e em caso positivo quais os enfoques dados a estes.*

Especificamente no recorte procedido para esse texto, nos interessa responder como os *temas da cultura corporal são pautados no suplemento e com que frequência?* A seguir, antes de mostrar procedimentos e resultados, apresentamos alguns estudos sobre o uso de jornal na escola.

Jornal na escola

As primeiras experiências de uso de jornal na escola, de acordo com Sobreiro (s/d), são atribuídas ao pedagogo francês Celestin Freinet (1896-1966) e ao médico e educador polonês Janusz Korczak (1878-1942).

Freinet, utilizando de técnicas como a aula passeio e a produção do texto livre, foi um marco na pedagogia moderna, também por utilizar diferentes mídias em suas aulas como o cinema e o tipógrafo (essencial para a produção do jornal na escola). Para ele o verdadeiro jornal escolar deveria ser 100% produzido na escola.

Essa última informação, associada a outros estudos sobre jornal em sala de aula indicam duas possibilidades: uso do jornal como recurso pedagógico na aprendizagem da língua e interpretação da realidade social; construção do jornal escolar. Nesse sentido tal prática passa a ser considerada relevante, pois a linguagem jornalística esta mais próxima do cotidiano e os educandos podem se aproximar dos fatos sociais. Para Lage (*apud* Faria, 2001), a linguagem jornalística visa alcançar um largo público fornecendo informações objetivas em escala industrial.

[...] o código lingüístico deve ser restrito, reduzindo-se o número de itens léxicos e de regras operacionais, não só para facilitar o trabalho de redação como para permitir o controle de qualidade. Ou seja, a linguagem jornalística oferece hoje uma espécie de “português fundamental”, uma língua, não tão restrita que limite o crescimento lingüístico do aluno e nem tão ampla que torne difícil ou inacessível o texto escrito ao comum dos estudantes (FARIA 2001, p. 11-12).

Na literatura encontramos relatos de algumas experiências com o uso de jornal na escola, como as que apresentam: Trevisani *et al.* (1998), projeto que

diz respeito a Hemeroteca Pedagógica, desenvolvido pelo Laboratório de Apoio Pedagógico (LAP) do Departamento de Teoria e Prática de Educação da UEM; Lima (1997) relata uma experiência de uso de jornal com alunos de sexta série, na Escola da Vila em São Paulo; Grigoletto (1999) relata experiências com alunos do ensino fundamental de uma escola da zona leste de São Paulo; Oliveira (2002) trata de utilização de técnicas para a alfabetização de alunos de 1ª série do ensino fundamental em Araraquara-SP, realizada no ano de 1997; Pérez *et al.* (2008) tratam de uma oficina de produção de jornal, com turmas da séries iniciais de uma escola particular de classe média alta (zona sul do Rio de Janeiro); Schimdt (2006) apresenta a experiência desenvolvida na cidade de Novo Hamburgo/RS pelo programa “NH na escola”, iniciado em 1988 com a parceria entre Secretaria Municipal de Educação e o grupo editorial Sinos, defendendo a necessidade de aproximação entre a comunicação e educação e o papel do *educador*⁴ como mediador nesse processo. Também foi importante a aproximação com a obra de Ijuim (2001) para compreender aspectos históricos e políticos do uso de jornal em sala de aula.

Além dessas experiências também identificamos na literatura outras propostas de uso de jornal na escola como a de Teixeira (2005), ao fazer uma “arqueologia” de propostas de uso de jornal na educação. Além de referenciar as obras de Maria Alice Faria “O jornal na sala de aula”, da série *Repensando a Língua Portuguesa*, e as propostas vinculadas ao *Projeto Jornal na Educação* (PJE) da ANJ, o autor apresenta algumas propostas encontradas, destacando três concepções diferentes: *O jornal de classe como instrumento de integração disciplinar no ensino de 1º grau. Estudo de caso: Bauru.* (IJUIM, 1989); *O jornal infantil: expressão e participação* (ALVES, 1993); *A informação na educação escolar: o uso dos jornais na sala de aula – análise do projeto “NH” na escola* (SANTOS, 1994).

2. CAMINHOS METODOLÓGICOS

Nossa análise do programa “AN Escola” diz respeito às matérias (foto, texto, desenho e outras imagens) de alunos, professores/especialistas e redação

4 Proposta defendida por Soares (2000).



do encarte, que veiculam temas relacionados à cultura corporal. Para tanto, optamos por fazer um recorte entre as edições de 2004 até 2008, período em que foram realizadas duas edições dos Jogos Olímpicos (Atenas/2004 e Pequim/2008), os Jogos Pan-americanos (Rio/2007) e a Copa do Mundo de Futebol (Alemanha/2006).

Com os dados coletados, fizemos uma análise e descrição geral dos encartes com o intuito de identificarmos as matérias referentes à cultura corporal.

Para proceder às análises consideramos, inicialmente, a perspectiva da *forma*, adotando procedimentos de Análise de Conteúdo (BARDIN, 2009), para a categorização, distribuição e análise das matérias.

Primeiramente identificamos o número de encartes em que encontramos matérias relacionadas à cultura corporal, especificando em quais meses os encartes veicularam tais matérias. Posteriormente, identificamos o número de matérias distribuídas ao longo dos anos de nosso recorte temporal. Obtidos os números relativos e absolutos, passamos à categorização das matérias, que foram distribuídas em 11 categorias identificadas.

O passo seguinte da pesquisa se pautou na perspectiva de análise do *conteúdo* veiculado nas mensagens.

Descrevendo e analisando o encarte: forma como matriz analítica

No primeiro momento nos interessou compreender o projeto gráfico, identificando possíveis alterações no decorrer dos anos de 2004 a 2008. Para tanto atentamos sobre os seguintes aspectos: *formato; editoração; enfoque; presença de textos opinativos; equipe editorial própria; participação de colaboradores; forma de apresentação dos temas; aspectos gráficos*. De forma sintética apresentaremos a seguir os principais elementos identificados referentes aos aspectos supracitados.

Quanto ao formato e editoração do encarte, as principais alterações dizem respeito a: *aumento do número de páginas* – inicialmente 12 e, a partir de 2008, 36 páginas – divididas em dois encartes, um para rede estadual e outro para a rede municipal de ensino; *a passagem de um encarte impresso em branco e preto para um encarte com todas as páginas coloridas; a incorporação de um anexo do encarte pela seção “Papo de Gente Grande”* (matérias de professores

e especialistas); *criação de novas editorias e alterações de outras*; *alteração na linguagem utilizada* - para aproximar e criar uma identificação do jornal com seus leitores (podemos citar a mudança na seção “correção” que se localizava no editorial do encarte e foi substituída pelo título “Ooops” (expressão usual que indica erro ou pedido de desculpas); *alteração nos meses de circulação do suplemento da Rede Municipal* (adequando-se ao período letivo); *ampliação público alvo, com a criação da seção “pequerruchos”* (dedicada as produções da educação infantil) uma espécie de “antecipação” de seus leitores, ou seja, percebemos nessa tentativa de estimular a leitura e o manuseio do jornal cada vez mais cedo uma investida antecipada do AN sobre seus futuros consumidores, uma espécie de conquista e fidelização de leitores.

Referente à presença de *textos opinativos da redação* e de *colunistas* identificamos apenas a presença dos primeiros, no editorial do encarte e nos textos introdutórios que tem a função de apresentar as matérias da página.

Sobre a presença de opinião nos editoriais é mais difícil fazer afirmações, uma vez que o editorial do suplemento tem caráter mais informativo do que formativo, visando apresentar o tema da próxima edição de maneira mais leve, a partir de um olhar, muitas vezes, pautado no senso comum. Na conclusão do texto são lançadas perguntas sobre o assunto e apresentados os prazos para envio de trabalhos.

Não identificamos a presença de colunistas no encarte, somente colaboradores como a educadora e escritora infantil Else Sant’anna Brum que, a partir de 2008, começou a assinar a seção “Cantinho da história”.

Também identificamos muitas *editorias/seções*; a maioria delas não possui página fixa no encarte, variando a sua localização de um mês para outro, como as seções “Artistas”; “Papo de gente grande” (substituindo o AN Professor); “Cantinho da história”; “Pequerruchos”; e “Amigos da natureza”. As únicas editorias que possuem página fixa são: *Editorial*, localizado na página 2, e “*Brinque e aprenda*” na página 24 do suplemento da Rede Municipal.

O encarte apresenta *expediente* específico, com equipe editorial própria, composta inicialmente por: Diretor responsável; Coordenação; Supervisão Pedagógica; Edição; Programação visual; Tratamento de imagens; Revisão. Equipe que, ao longo dos anos, sofreu alterações referentes às pessoas e cargos que a compõem. A nomenclatura “Diretor responsável” muda para “Diretor”, a “Edição” passa a ser chamada de “Editor chefe”, os cargos “Tratamento de imagens” e “Programação visual” deixam de existir e criam-se os cargos de “Diagramação”,



“Gerente de Circulação” e “Gerente Comercial”. Essas alterações refletem outra grande mudança, iniciada em outubro de 2006, quando o grupo RBS começa a gerir “A Notícia” de Joinville. Sendo a RBS uma grande empresa, com outra dimensão de profissionalismo, passa a impor o seu modo de fazer notícia (e negócio) a esse tradicional jornal do norte do Estado de Santa Catarina.

A troca das pessoas que constituem o corpo editorial do encarte e, sobretudo a criação de cargos como de *gerência*, *comercial* e *gerência de circulação* revelam a intenção de gerenciar o programa como uma estratégia de marketing institucional. Utilizar o suplemento para fidelizar leitores parece ser uma boa ideia, tanto é que o grupo RBS ampliou a proposta para o seu jornal *Diário Catarinense* (programa DC na escola).

A ideia de fidelização pode ser visualizada em matéria publicada no encarte especial de 10 anos do “AN Escola”.

O jornal que no começo ficava preso à escola, começou também a ir para casa dos alunos. No dia seguinte os alunos faziam a lição: escreviam ou contavam aos colegas como foi o contato dos pais com o jornal. Os assuntos que mais liam, a conversa com eles sobre o que estava escrito. E, como era de se esperar, aumentou a procura pelo jornal. (STUPP, 2008).

Analisando o conteúdo: categorização e distribuição das matérias

Neste momento, objetivando organizar nosso corpus de análise, procedemos a identificação, seleção, categorização e distribuição das matérias relativas à cultura corporal.

Inicialmente, foi necessária a leitura de todo o material⁵ e uma breve descrição de cada uma das matérias para podermos proceder a categorização e classificação desses dados. O passo seguinte foi a distribuição das matérias por ano. Encontramos matérias relativas ao nosso objeto de estudo em 48 encartes, totalizando 1145 matérias⁶. O quadro 1 ajuda-nos a visualizar como estas se distribuem.

5 Para a pesquisa, tivemos acesso a todo o acervo dos encartes do jornal, parte em forma impressa, parte em arquivos digitais, gentilmente cedidos pelos atuais responsáveis pelo Programa, aos quais expressamos mais uma vez nosso agradecimento.

6 São consideradas matérias, poemas, textos da redação do encarte, desenhos, entrevistas, textos de alunos, professores e especialistas, estórias infantis, e algumas dicas de leitura ou atividades. O grande número de matérias também está relacionado à forma como o

**Quadro 1:** distribuição das matérias sobre cultura corporal por ano (2004-2008)

Ano	N	%
2004	208	18,16
2005	211	18,42
2006	80	6,98
2007	75	6,55
2008	571	49,86
Total	1145	100%

Após a leitura, descrição e análise preliminar dos dados, identificamos 11 **categorias**, nas quais foram distribuídas as matérias analisadas, a saber: *Esporte*, *Temas transversais*, *Lazer*, *Corpo/identidade*, *Jogos/brincadeiras*, *Saúde*, *Estética*, *Circo*, *Dança*, *Lutas*, e *Outros*. A seguir, procedemos a uma breve descrição dessas categorias:

Esportes: matérias relacionadas a esportes ditos tradicionais (basquete, vôlei, handebol, futebol) que possuem competição regulamentada (também o motocross, bicicross, skate). Também estão presentes matérias que tratam dos grandes eventos esportivos (olimpíadas, pára-olimpíadas, a copa do mundo de futebol, pan-americanos).

Temas Transversais: conteúdos que podem ser ponto de partida para o processo de ensino aprendizagem dos temas da educação física, abrangendo a cultura popular (lendas, folclore, ditados, contos, tradição), a mídia e seu discurso e ainda os direitos da criança conforme constam no Estatuto da Criança e Adolescente.

Circo: matérias que abordam a arte circense como os palhaços, trapezistas e equilibristas, malabaristas, mágicos, domadores, etc.

Estética: matérias relacionadas aos padrões estéticos da sociedade, mais especificamente corpos estereotipados.

Corpo/identidade: matérias relacionadas tanto à dimensão biológica (corpo físico, órgãos, sistemas e fisiologia) quanto sociológica e cultural de corpo (dualismo corpo x mente; construção da identidade).

suplemento veicula as informações, tendo como característica principal um título ou tema em cada página, seguido de um pequeno texto da redação, e os trabalhos dos/as alunos/as.



Saúde: matérias relacionadas a conceitos de saúde, em especial o defendido pelo discurso médico biológico, que se pauta principalmente na ideia de atividade física como promotora da saúde (aptidão física).

Dança: matérias relacionadas a danças tradicionais como o balé, dança de salão, danceterias, bem como a dança que vem ganhando espaço dentro das escolas, a dança de rua.

Jogos /brincadeiras: matérias sobre as brincadeiras e jogos cotidianos da cultura infantil, como amarelinha, pião, pipa, pular corda, polícia e ladrão, gincanas da escola, dominó, etc.

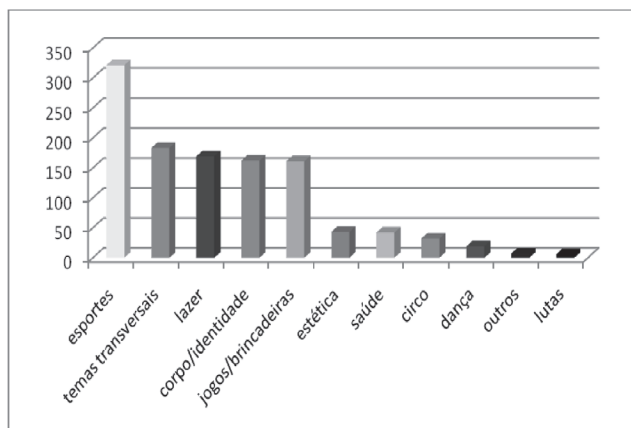
Lutas: matérias que pautam as lutas, como o tae-kwon-do, caratê e capoeira; exceto as matérias que colocavam as lutas dentro de competições, como os jogos olímpicos. Estas foram contabilizadas na categoria *Esporte*.

Outros: matérias relacionadas à influência da leitura no desenvolvimento da imaginação da criança, dicas de leitura (livro voltado para afastar os jovens das drogas, e desenho de salva vidas no mar).

No quadro 2 e no gráfico 1, podemos visualizar como se distribuem proporcionalmente as categorias identificadas.

Quadro 2: Número de matérias por categoria (2004-2008)

CATEGORIA	N	%
Esportes	321	28,03
Temas transversais	183	15,98
Lazer	169	14,75
Corpo/identidade	162	14,14
Jogos/brincadeiras	161	14,06
Estética	43	3,75
Saúde	42	3,66
Circo	32	2,79
Dança	19	1,65
Outros	7	0,61
Lutas	6	0,52
TOTAL	1145	100

Gráfico 1: distribuição de matérias por categoria

Como se pode perceber, a categoria *Esportes* lidera a presença dos temas da cultura corporal no somatório dos cinco anos de nosso recorte. No entanto, tomando essa categoria como referência, em cotejo com o conjunto das demais, ano a ano, podemos observar outras informações relevantes (Quadro 3):

Quadro 3: comparativo percentual das matérias entre a categoria esporte e as demais

Ano	Total de matérias	Esporte	Outras categorias
2004	208	105 (50,48%)	103 (49,51%)
2005	211	44 (20,85%)	167 (79,14%)
2006	80	10 (12,5%)	70 (87,5%)
2007	75	10 (13,33%)	65 (86,66%)
2008	571	152 (26,61%)	419 (73,38%)
TOTAL	1145	321 ($\Sigma = 28,3\%$)	824 ($\Sigma = 71,7\%$)

Como síntese preliminar dos dados observados, constatamos que a presença de matérias ligadas ao esporte é maior nos períodos correspondentes a realização das Olimpíadas (Atenas/2004 e Pequim/2008). Desta maneira, uma hipótese de trabalho aflorou: *para o AN Escola, os Jogos Olímpicos (2004 e 2008) mereceram mais destaque que a Copa do Mundo de futebol (2006) e o Pan-Americano, realizado Rio de Janeiro (2007), todos eles considerados megaeventos esportivos.*



Tal hipótese orientou a continuidade da nossa análise, sendo que, do total de 321 matérias da categoria *esportes*, selecionamos e passamos a analisar qualitativamente as 152 matérias que, além de pertencerem a categoria *esportes*, referiam-se a esses megaeventos esportivos. Essas 152 matérias estão distribuídas no decorrer dos anos da seguinte maneira: são setenta e três (73) matérias no ano de 2004, treze (13) no ano de 2005, duas (2) em 2006, uma (1) em 2007 e sessenta e três (63) em 2008.

Como primeiro critério de organização para análise das matérias, as distribuímos conforme o gênero de autoria; em que foram identificados: *textos do corpo editorial* (textos introdutórios das páginas e editoriais, $n = 18$), *textos de aluno* (textos e poemas, $n = 24$), *texto com desenho* ($n = 12$), *texto de professor/especialista* ($n = 6$), *desenho* ($n = 88$), *passatempo* ($n = 1$), *reportagem* ($n = 1$) e *conto infantil* ($n = 1$). O gráfico 2 ajuda-nos a visualizar proporcionalmente esses dados.

Gráfico 2: Distribuição proporcional das matérias cf. gênero.



A análise de conteúdo destas 152 matérias permitiu reconhecer seis (6) principais *dimensões/concepções referentes ao esporte*. Embora não esteja no escopo deste texto a discussão sobre elas, consideramos relevante apontar ao menos quais são essas dimensões a respeito do esporte que se expressam no material analisado (matérias sobre esporte que tratam dos megaeventos). No Quadro 4 descrevemos as dimensões identificadas:

Quadro 4: concepções/dimensões de esporte nas matérias relacionadas aos grandes eventos esportivos

Dimensões/concepções	Descrição
<i>Espetáculo/Rendimento</i>	Mais frequente nos textos do corpo editorial, textos e desenhos de alunos, aparecendo com menor frequência ou menor ênfase nos textos de especialistas. As matérias tendem a exaltar as conquistas, os resultados e a superação dos atletas.
<i>Personagens</i>	Essa categoria tem a tarefa de complementar a categoria anterior Espetáculo/rendimento, quase como uma subcategoria. Muito constante nas matérias, sendo utilizada como uma estratégia introdutória a lógica do rendimento. Identifica o personagem (atleta, herói, ídolo, mito) de todo o drama vivido para justificar suas conquistas ou perdas.
<i>Nacionalismo</i>	Quase tão frequente quanto a categoria rendimento, refere-se às matérias que abordam o orgulho de ser brasileiro. Presente em muitos textos do corpo editorial e nos textos e desenhos de alunos.
<i>Saúde</i>	Categoria pautada no discurso “esporte é saúde”, principalmente nas matérias de especialistas e textos do corpo editorial, destacando os benefícios advindos da prática de esporte, como atividade física para a promoção de saúde.
<i>Socialização</i>	Presente em alguns textos do corpo editorial, textos e desenhos de aluno e também muito explorada nos textos de especialistas, essa categoria refere-se às matérias que abordam a dimensão da socialização através do esporte bem como a disciplina que ele cria em seus praticantes.
<i>Inclusão Social/ Cidadania</i>	Especialmente presente nos textos do corpo editorial, e textos e desenhos de alunos, refere-se às matérias que tratam da inclusão social pelo esporte como forma de acesso à cidadania, em que o maior exemplo são os para-atletas.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após um “diálogo” com o objetivo e as questões de investigação (apresentados no início do texto) foi possível efetuar algumas constatações, que descrevemos abaixo.



Referente aos temas da cultura corporal, identificamos a maior presença de matérias nos anos de 2004 e 2008 (Olimpíadas de Atenas e Pequim), respectivamente), sendo esse predomínio na categoria *Esportes*, que teve a maior frequência absoluta ao longo do período e a maior frequência relativa nos anos de 2004 e 2008.

Não foi possível apontar com segurança as razões destas diferenças. Nossa hipótese é que, pelo fato de envolver diferentes modalidades esportivas, algumas muito presentes na cultura esportiva brasileira, os jogos olímpicos se apresentam como mais próximos de leitores/colaboradores.

Referente à consideração da hipótese inicial, de o “AN Escola” constituir-se em estratégia de Mídia-Educação, não foi possível nessa análise inicial identificarmos com segurança esses aspectos. Lembrando as três dimensões que compõem a Mídia-educação (*Instrumental, Crítica e Produtiva*), nossa análise do suplemento nos possibilitou identificar apenas a dimensão *produtiva* de Mídia-Educação, mas como dito antes, essa dimensão pode contemplar as demais.

Para podermos afirmar a presença das outras dimensões seria necessário acompanhar o processo de produção das matérias em sala de aula, identificando como os professores articulam os temas propostos pelo programa, com o seu planejamento, bem como a seleção do material produzido pelos alunos que será enviado ao encarte. Ainda precisaríamos levar em consideração o fato de que a produção dos leitores expressa no encarte passa por diferentes filtros e seleção, como a própria escola (e o professor), a Secretaria de Educação (que tem uma assessoria educacional para isso) e o próprio jornal, que procede as escolhas finais das matérias.

Apesar de faltarem elementos para apontar resultados mais precisos, são maiores os indícios de o programa ser uma estratégia mercadológica de marketing para a fidelização de leitores, do que se tratar de um projeto de Mídia-Educação.

Assim, a recomendação é que a adoção do encarte AN como conteúdo de Mídia-Educação Física por educadores de escolas envolvidas no programa deva ser procedida com rigor no trato pedagógico e na análise crítica do seu conteúdo.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. W. Teoria da Semicultura. **Educação & Sociedade**. Ano XVII, n. 56, dez./1996.
- ALVES, J. C. **O jornal infantil: expressão e participação**. Dissertação (Mestrado). São Paulo, 1993, 75 p. (+anexos). Faculdade de Comunicação Social “Cásper Líbero”.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**, 2 ed. Lisboa: Edições 70, 2009.
- BELLONI, M. L. **O que é Mídia-Educação**. Campinas: Autores Associados, 2001.
- BRACHT, V. **Sociologia Crítica do Esporte: uma introdução**. 2ª Ed. Ijuí: Unijuí, 2003.
- BIANCHI, P. **Formação Continuada em Mídia-Educação (Física): ações colaborativas na Rede Municipal de Florianópolis/SC**. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Centro de Desportos, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.
- COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino da Educação Física**. São Paulo: Autores Associados, 1992.
- ECO, U. **Apocalípticos e integrados**. São Paulo: Perspectiva, 1993, 5ª ed.
- FARIA, M. A. O. **O jornal na sala de aula**. 11. ed. São Paulo: Contexto, 2001.
- _____. **Como usar o jornal na sala de aula**. 8ª. ed., São Paulo: Contexto, 2003.
- FERRÉZ, J. **Televisão e Educação**. São Paulo: Artes Médicas (Artmed), 1996.
- GRIGOLETTO, R. A. S. **O jornal e a notícia nas aulas de português**. Revista Comunicação & Educação. n. 15. São Paulo: Moderna, 1999.
- IJUIM, J. K. **Jornal Escolar: inter-relação criativa**. Revista Comunicação & Educação, São Paulo, n. 20, 2001.
- _____. **O jornal de classe como instrumento de integração disciplinar no ensino de 1º grau. Estudo de caso: Bauru**. Dissertação (Mestrado). São Paulo, 1989, 176 p. Faculdade de Comunicação Social “Cásper Líbero”.



LIMA, S. F. **Alunos de sexta série produzem uma revista**. Revista Comunicação & Educação. n. 10. São Paulo: Moderna, 1997.

MELO, J. M. **Teoria do jornalismo: Identidades brasileiras**. São Paulo: Paulus, 2006.

MIRANDA, A. S. **O jornal escolar e a educação problematizadora: vislumbrando uma aproximação**. Unirevistas vol. 1,(n.3), 2006.

OLIVEIRA, R. A. **Jornal, Jogos e Brincadeiras**. Revista Comunicação & Educação. n. 23. São Paulo: Salesiana, 2002.

PÉREZ, B.C. *et.al.* **Cidadania e participação social: estudo com crianças no Rio de Janeiro**. Psicologia & Sociedade; 20 (2), 2008.

SANTOS, S. A. **Informação na educação escolar: o uso de jornais na sala de aula – análise do projeto NH na escola**. São Paulo, 1994. Dissertação (Mestrado em Educação) Faculdade de educação, Universidade de São Paulo, 1994.

SCHMIDT, S. **Em pauta a aliança mídia e educação**. UNIrevista - Vol. 1, n° 3, 2006. p.1-18. Disponível em: < http://www.alaic.net/ponencias/UNIrev_Schmidt.pdf > acesso em: maio de 2009.

SOARES, I. O. **Educomunicação: um campo de mediações**. Revista Comunicação & Educação. Ano VII, n. 19. São Paulo: ECA/USP-Editora, 2000.

SOUZA, D. M. **Mídia-educação física: em busca de diálogos com o Programa “AN Escola”**. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Florianópolis: PPGEF/UFSC, 2010.

SOUZA, D. M.; CAETANO, A.; PIRES, G. L. Construindo diálogos em Mídia-educação e Educação Física: algumas reflexões a partir de estudos do Observatório da Mídia Esportiva/UFSC. **Revista Conhecimento On-line**. Rio Grande do Sul, n. 1, v. 1, 2009. Disponível em: www.feevale.br/revistaconhecimentoonline

SOBREIRO, M. A. **Célestin Freinet e Janusz Korczak, precursores do jornal escolar**. S/d. disponível em: <<http://www.usp.br/nce/?wcp=/aeducomunicacao/texto,2,46,232>> acesso em: 20 de Janeiro de 2009.

STUPP, R. **Uma história cheia de cores e detalhes**. AN Escola – Especial 10 Anos. Outubro de 2008. (Encarte do jornal A Notícia de 12 de outubro de 2008).



TEIXEIRA, A. P. M. **As propostas de jornal na educação e suas implicações com a formação da cidadania.** INTERCOM (São Paulo), v. 8, p. 1, 2005.

THOMPSON, J. B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia.** 4.ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

TREVISANI, M. L. L. *et. al.* **Jornal na Escola: da informação à opinião esclarecida.** Revista Comunicação & Educação. n. 12. São Paulo: Moderna, 1988.

